

“NÃO HÁ FEITIÇARIAS À VENDA”: OS SABERES MEDICINAIS ATRAVÉS DA TRADIÇÃO ORAL NO CONTO DE DORIS LESSING

*Frederico Loiola Viana¹
Valdir Nunes dos Santos²*

Resumo: Neste artigo, o objetivo é analisar o conto “Não há feitiçarias à venda”, de Doris Lessing, uma autora britânica do século XX, a partir de teorias que fundamentam as discussões acerca dos saberes medicinais africanos através da tradição oral (BINJA, 2020; DOMINGOS, 2015; NASCIMENTO, 2008). O pressuposto metodológico inclui a pesquisa bibliográfica, para compreender aspectos relacionados à identidade do indivíduo (HALL, 2006) e questões eurocêntricas enraizadas nos conhecimentos africanos (HALL, 2003; FANON, 2008; MBEMBE, 2018). A abordagem que imprimimos neste trabalho de pesquisa é de caráter qualitativo. O personagem que protagoniza a ficção é Gideon, negro, cozinheiro e que sabe manusear as ervas medicinais para tratar de doenças. Ele cura o filho dos seus patrões, os quais, após perceberem o resultado, querem saber o nome da planta para entregar aos cientistas. No entanto, Gideon, compreendendo a ação de cura por meio das ervas medicinais como questões da tradição oral e de ancestralidade. Por isso, guarda para si os saberes que têm sobre o poder dos povos negros sobre a planta. A análise, nos exigiu que estabelecêssemos um diálogo mais próximo com a autora a ponto de percebermos sobre questões de subalternização da

mulher na sociedade africana, o preconceito e de elementos identitários e costumes africanos. Nesta obra, especificamente a autora subverte o sistema ao analisar o contexto colonialista por meio da tradição africana. Ou seja, ela aponta para a dominação de corpos femininos e negros. A dominação e o poder tinham como fatores a destruição do pertencimento identitário e cultural da comunidade. Lessing, então, coloca Gideon em um lugar de resistência à apropriação, não admitindo a entrega dos conhecimentos médicos.

Palavras-chaves: Saberes medicinais; Tradição oral; Doris Lessing; África.

Introdução

Em meio a um terreno fértil de histórias locais, de rituais e símbolos de experiências, em que transitam homens-testemunhas, como nos sugeriu Isabel Aretz

1 Mestre do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Graduado em Letras Língua Inglesa e Literaturas pela UNEB–DEDC, Campus X. E-mail: fredyloy@hotmail.com

2 Doutor em Belas-Artes pela Universidade de Lisboa. Mestre em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Coordenador do projeto de Extensão e Pesquisa “As manifestações culturais em Helvécia no Extremo Sul da Bahia: a dança bate-barriga como fabricante de performances afrodescendentes”. E-mail: vnsantos@uneb.br

(1983), também transita Doris Lessing. Como uma mulher branca vivendo em África, Doris Lessing desde cedo soube do seu lugar social, bem como o daqueles que foram subjugados pelo sistema colonialista. A maioria de suas obras trata da sua visão como mulher inserida em um sistema patriarcal e preconceituoso, que tinha como premissa não apenas dominar corpos, mas eliminar seus traços identitários. É nesse contexto que as suas obras ganham um caráter social e político e fazem da autora uma voz engajada, no que tange a construção social dos seus personagens e narrativas.

Lessing nasceu em Kermanshah, no Irã, mas mudou-se quando criança para a Rodésia do Sul (atual Zimbábue), antes, colônia do império inglês. Tais relações sociais e identitárias vistas pela autora neste país fazem parte do imaginário criativo de sua escrita. Lessing viveu na Rodésia do Sul até seus 30 anos, quando se mudou para Londres; só retornou ao país em 1956, logo depois foi proibida de regressar por razões políticas; retornou em 1982.

The Collected African Stories ou Coletânea de Contos Africanos são contos reunidos em dois volumes, sendo o primeiro intitulado *A Terra do Velho Chefe* e o segundo, *Sabores do Exílio*. Os contos foram escritos durante o período em que viveu na Rodésia do Sul, e foram compilados nesses volumes, que mostram a relação difusa de uma sociedade imersa em vários preconceitos.

Nesse sentido, este artigo tem o objetivo de analisar o conto “Não há feitiçaria à venda”, que se encontra no primeiro volume da coletânea, a partir de teorias que fundamentam as discussões acerca dos saberes medicinais africanos através da tradição oral. O personagem que protagoniza a ficção é Gideon, um negro, cozinheiro e que sabe manusear as ervas medicinais para tratar de doenças. Depois de curar o filho dos patrões, por meio de ervas medicinais, Gideon se vê constrangido e usado, após seus patrões solicitarem dele a planta milagrosa e quase entregar os conhecimentos passados por gerações a cientistas. Assim, a narrativa configura-se de forma a combater o preconceito referente às habilidades africanas, que até os dias atuais tem contribuído de forma significativa para as ciências médicas.

O pressuposto metodológico inclui a pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, intenta-se compreender questões relacionadas à identidade do indivíduo e questões eurocêntricas enraizadas nos saberes africanos. A pesquisa é de caráter qualitativo. Conforme explica Flick (2004), os aspectos importantes para a pesquisa qualitativa são a escolha correta de métodos e teorias, que ajudam a reconhecer e analisar diferentes perspectivas, através de reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa e na variedade de métodos. Assim, compreender que a obra tem uma relação intrínseca com a sociedade e as questões apresentadas é de suma importância.

Por Lessing ser uma voz engajada, ela se enquadra na função do autor, proposta por Michel Foucault no livro intitulado *O que é o autor?* (1992). Nele, Foucault explica que o autor tem a responsabilidade de interferir no processo subjetivo do texto. Assim, o autor mostra para seus leitores os diversos discursos que estão implícitos dentro de sua escrita subjetiva. Então, para o autor, está aí a sua função,

auxiliar na disseminação de discursos na sociedade. O autor produz discursos que, por sua vez, ajudam na construção de outros discursos.

Foucault expõe que todos os discursos são importantes para a sociedade, pois querem transmitir alguma coisa e/ou alcançar alguma camada social. Desse modo, a visão que Lessing tem sobre a sua realidade e que foi transmitida para os livros fez com que muitas pessoas se identificassem com os discursos presentes nas obras. Questões como a subalternização da mulher branca na sociedade africana, o preconceito dos brancos contra os negros, bem como a identidade e os costumes africanos são representados pela autora e fizeram dela uma voz ativa contra o patriarcado e preconceito racial no sul da África.

No que diz respeito ao conto “Não há feitiçaria à venda”, a autora exemplifica que os saberes medicinais da cultura africana não podem ser negligenciados ou dados a qualquer um; no caso do conto, aos cientistas. Também é possível perceber o valor que é dado por Gideon para a tradição dos seus antepassados. Para os africanos, a tradição oral tem um valor inestimável, uma importância indispensável, pois é através dela que são passados os mais diversos tipos de ensinamentos que contribuíram para o desenvolvimento das nações africanas. No entanto, muitas culturas africanas tiveram seu processo da tradição interrompido pela colonização europeia, que, além de implantar a religião cristã, impôs a sua cultura e sua escrita.

1 Tradição oral: construção de histórias, saberes e contribuições da memória

Conforme posto acima, a tradição oral tem um valor significativo para os africanos, pois é através dela que culturas se mantêm vivas e são perpassados seus ensinamentos. Por outro lado, Elias Justino Bartolomeu Binja (2020) afirma que a tradição europeia, no caso da escrita, nunca esteve preocupada como a tradição oral dos povos africanos; eles reduziram alguns povos ágrafos a civilizações sem culturas e sem histórias. No entanto, é importante salientar que não eram somente os povos ágrafos que sofriam preconceito por parte dos europeus, os povos africanos de modo geral foram marcados e selecionados pela *diferença colonial* como nos sugere Walter Mignolo (2003).

Sobre a tradição, Binja (2020), ainda explica que, por mais que hoje haja pouca incidência, as sociedades dominantes ainda acreditam que as etnias que se preocupam com a tradição oral não têm culturas. No entanto, ele confronta essa ideia afirmando que, mesmo não havendo escrita nos povos ágrafos, ainda assim, esses conseguem transmitir seus ensinamentos, conservam a suas histórias, seus saberes e suas variadas culturas.

Zuleide Duarte (2009), explica que a tradição oral é muito preciosa. Sua preciosidade reside no fato de ela estar na raiz das histórias orais de um povo, de uma comunidade. Porque, embora esse termo nos passa a ideia de algo estanque e envelhecido, tradição em ligeira análise é um campo de confronto entre o que

está na base da produção de um povo, suas histórias locais e o que foi produzido pela indústria cultural. Além de ser registro da memória coletiva, se configura como um santuário de expressões para o povo que as guarda. “com todo o peso e a responsabilidade que esta acarreta nos planos moral, político, religioso, social, etc. Eis o campo onde se contrastam indústria cultural e tradição” (CARVALHO, 2000). Histórias locais, tradição são conteúdos de determinados povos, por isso, demandam um lugar, sujeitos e poderes, para assim se constituir em elemento de significação para os que produzem e de negação de quem detém o poder da cultura dominante, da indústria cultural. A tradição e suas histórias, na África em especial, são geralmente contadas pelos mais velhos, que são chamados de *griots*.

Ainda se tratando de *griots*, Laura Cavalcante Padilha (2007) expõe que as histórias traduzidas pelos *griots* trazem uma:

[...] carga simbólica da cultura autóctone, permitindo-se a sua manutenção e contribuindo para que esta mesma cultura possa resistir ao impacto daquela outra que lhe foi imposta pelo dominador branco-europeu e que tem na letra a sua mais forte aliada (PADILHA, 2007, p. 35).

Portanto, os conhecimentos dos povos africanos ágrafos persistem como uma herança desses povos por meio de textos orais. Segundo o Binja (2020), “A literatura oral é a grande riqueza cultural desses povos, e que é conservada por meio de uma memória extraordinária” (2020, p. 3). É por intermédio dessa literatura oral que esses povos transmitem os ensinamentos da vida cotidiana da comunidade. Ela abrange todos os ângulos da vida. O autor explica que a tradição oral:

[...] relata, descreve, ensina e discorre sobre a vida. A tradição oral nas sociedades tradicionais africanas configura os pilares em que se apoiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição e, simultaneamente, e é por meio dela que se previnem as inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura (BINJA, 2020, p. 3).

Nessa perspectiva, conforme explicitado acima, a própria tradição oral trata de prevenir as aplicações do legado desrespeitoso do colonialismo europeu nas civilizações que se consolidaram como ágrafas. Essa prevenção ajudou a consolidar o conhecimento que temos dessas sociedades atualmente, sejam elas na própria cultura, nas artes, na literatura oral, na religião e principalmente no tratamento medicinal.

No conto “Não há feitiçaria à venda”, o protagonista tenta resguardar a sua tradição, mesmo que já estivesse imerso na sociedade europeia. Gideon não mostra aos cientistas quais eram as ervas medicinais utilizadas para curar a cegueira da criança, já que se tratava de um ensinamento impregnado de valor identitário e de respeito.

Esse valor é explicitado por Binja na citação a seguir:

A história dos povos ágrafos africanos tem mais vivacidade, está mais gravada no pensamento coletivo e mais presente no cotidiano. A tradição oral está impregnada de respeito pelo passado, pelo antepassado que nos legou o presente com o devido dinamismo vital que se comunica e se prolonga no grupo e no indivíduo. A tradição oral, nas comunidades africanas ágrafas, cumpre a imprescindível função de unir os vivos aos ancestrais: as palavras que estes pronunciaram fazem-se vida na comunidade que a conserva com vigor através do tempo (BINJA, 2020, p. 5).

Assim, esse pensamento coletivo e vivo presente no conhecimento oral africano não poderia ser negligenciado por Gideon, que, depois da insistência, entrega aos cientistas qualquer planta. Na narrativa é possível perceber o valor que os nativos dão para a tradição e a relação que eles têm com a natureza, já que são os únicos que sabem manusear as plantas para a cura, conforme citação a seguir:

Esse era o tipo de história que contavam. E, sempre, com uma certa dose de exasperação, pois embora todos soubessem que nas matas africanas existiam valiosas drogas, em cascas de árvores, em folhas de aparência simples, em raízes, era impossível conhecer a verdade a seu respeito por intermédio dos nativos (LESSING, 1973, p. 34).

Nesse sentido, sabe-se que a disseminação de conhecimentos médicos fora transmitida consideravelmente pela tradição oral, não existindo quase nenhum documento a respeito. O que se sabe é que, para os povos africanos, a doença está inserida no equilíbrio da vida.

Sobre essa questão, Luís Tomás Domingos (2015), explica que para as sociedades africanas, a doença não é apenas um fenômeno que abaterá apenas um indivíduo, mas a estrutura daquela sociedade. Desse modo, a doença é tratada no coletivo, já que faz parte da comunidade. No conto, é possível perceber que Gideon se prontificou em curar a criança que ele amava, já que convivia com a família do patrão. Sentia-se pertencente àquela comunidade. “Ah, senhora, senhora, o Senhor, lá no alto, enviou essa criança; o pequenino cabeça amarela é a melhor coisa que temos aqui nessa casa. Devido a esse ‘nós’, a Sra, Farquar sentiu um caloroso impulso com relação ao seu cozinheiro” (LESSING, 1973, p. 31).

Sendo assim, segundo Domingos (2015), as técnicas de cura através da natureza não podem ser desvinculadas da cultura africana, já que o homem faz parte de um elemento do universo. Assim, “a doença implica, em última análise, as relações entre os homens e o universo sociocultural e vice-versa” (DOMINGOS, 2015, p. 172). Érica Larusa Oliveira Mascarenhas (2021) concorda com Domingos ao afirmar que as percepções do cosmo para os africanos estão intrinsecamente ligadas pelo material e o espiritual, no que diz respeito aos seus elementos racionais e não racionais, que provoquem ou não impacto na vida cotidiana.

Elisa Larkin Nascimento (2008) expõe que, desde 2800 a.C., os povos africanos já praticavam a medicina dita ocidental. Conhecimentos como a anestesia, hemostase, cauterização e a vacinação faziam parte das concepções médicas destes povos.

Para Carlos Eduardo Dias Machado (2014), foi em África que a casca do salgueiro foi utilizada para a fabricação de aspirina e AAS. O autor explica também que as mulheres africanas já sabiam tingir roupas com as tintas extraídas de algumas árvores. Os povos africanos já eram hábeis em astronomia, arquitetura e filosofia.

Ainda sobre a ciência médica africana, a teórica Machado (2014), expõe que as ciências médicas africanas já sabiam diagnosticar gravidez, adivinhar o sexo da criança, testar a esterilidade, fazer cesariana e cirurgias de câncer. Alguns desses procedimentos são realizados ainda hoje porque conseguiram se manter vivos através da tradição oral. Nascimento (2008) dirá que o povo Banto já realizava cesariana desde o século XVIII.

No entanto, Stuart Hall (2003) chama atenção para um tipo de multiculturalismo denominado corporativo, que tem como conceito a administração de questões culturais das minorias, visando o interesse dos grandes centros. É possível perceber o multiculturalismo corporativo presente no conto. A cura do menino pela medicina tradicional fez com que os patrões de Gideon quisessem divulgar o remédio milagroso em nome deles, como se lê no excerto:

O cientista explicou sobre como a humanidade poderia beneficiar-se caso a nova droga fosse comercializada; os Farquars sentiram-se ainda mais lisonjeados, eram uma gente bondosa e simples, a quem agradava pensar que alguma coisa boa estaria surgindo devido a eles. No entanto, quando o cientista se referiu ao dinheiro que poderia ser obtido, sua atitude demonstrou desconforto. O que sentiam a respeito do milagre (era assim que encarava o fato) era tão forte, tão profundo e religioso, que lhes era desagradável pensar em dinheiro. O cientista, vendo suas expressões, voltou a seu primeiro ponto, o progresso da humanidade (LESSING, 1973, p. 34-35).

Nota-se o fato que os costumes culturais que Gideon tinha não pertenciam apenas a ele, mas a um sistema colonial que o obrigava, consciente ou inconscientemente, a tratá-lo como comunitário. Hall (2003) explica que as questões propagadas pelo colonizador, no que diz respeito a diversidade, eram um pretexto para imposições de valores e costumes culturais. Estar em uma sociedade com diferenças culturais era compreendido como algo ruim para a estrutura social.

Ainda sobre isto, Hall (2016), compreende que o método de naturalização da cultura negra, sua natureza ou “diferença” faz sentido para os colonialistas. Se houvesse diferenças culturais entre brancos e negros, isso poderia ser alterado e modificado. Mas, se elas fossem naturais, como acreditavam os proprietários dos escravizados – eles estariam fora da história, e são sólidos e permanentes. “A ‘naturalização’ é, portanto, uma estratégia representacional que visa fixar a ‘diferença’ e, assim, ancorá-la para sempre” (HALL, 2016, p. 171). Desta forma, o sistema representa naturalmente a propriedade e a escravidão, mas também a animalização e a punição das pessoas.

Pode-se perceber no conto a imposição de valores religiosos. O narrador declara Gideon como cristão: “É a vontade de Deus – retorquiu Gideon, que era crente” (LESSING, 1973, p. 32). Nascimento (2008) explica que o processo colonial fez com que os povos africanos negassem a sua própria existência e da sua personalidade coletiva, fazendo com que desconsiderassem a sua cultura, para que se enquadrassem na cultura do colonizador.

No entanto, mesmo estando imerso na religião cristã, Gideon optou por curar o menino através de práticas que iam contra a sua nova fé. Percebe-se que o protagonista aprendeu com seu pai o manejo das plantas e era respeitado pelos trabalhadores da fazenda, que o consideravam um médico. O pai era curandeiro, sendo essa tradição passada para o filho.

– Perguntem ao rapaz que tem na cozinha. É médico. É um filho de um famoso curandeiro que andava por aqui e não há nada que ele não possa curar. Em seguida acrescentou, polidamente: – É claro que ele não é tão bom como o doutor branco, nós sabemos disso, mas pra nós ele é bom (LESSING, 1978, p. 37).

Segundo Amadou Hampaté Bâ (2010), a tradição africana dirá que o homem velho não conhecerá apenas as plantas, mas as suas propriedades, ou seja, se a planta é boa ou má. Também terá habilidades com as ciências médicas, agrícolas, astrologia e psicologia. Gideon sabia como manusear a planta para que pudesse transformá-la em remédio. A planta usada pelo protagonista só poderia funcionar se fosse mastigada, conforme citação a seguir:

– Não tenha medo, senhora – assegurou Gideon – Isto é para curar os olhos do Cabecinha Amarela. – Tirou as folhas da planta, deixando à mostra uma raiz branca, pequena e carnuda. Sem mesmo lavá-la, pôs a raiz na boca, mastigou-a vigorosamente e em seguida, retendo o cuspe, tomou a criança à força dos braços da Sra. Farquar. [...] Ajoelhou-se sobre a criança apavorada, forçando as pálpebras inchadas para trás até aparecer o fundo das pupilas; então cuspiu forte, primeiro num, depois no outro olho. Em seguida entregou o menino para a mãe, dizendo: “Seus olhos vão melhorar” (LESSING, 1978, p. 33).

Em se tratando de ofício, Manoel Fernandes de Sousa Neto (2005), explicita que a palavra ofício se refere às pessoas que compartilham do saber-fazer com diferentes categorias de habilidades e conhecimentos e são capazes de reproduzir objetos com base nos mesmos rituais. No conto, é possível perceber que Gideon manuseia bem as plantas e sabe utilizá-las para uso medicinal. O personagem sabe também cozinhar. Sendo assim, Gideon é artífice dentro de tais habilidades. Possivelmente, adquiriu essas competências em suas andanças pelo território da Savana e por meio de sua geração parental. O homem da Savana percorre o seu

território e tem seus cruzamentos com a memória coletiva através da terra onde habita, conforme confirma Bâ (2010)

O africano da Savana costumava viajar muito. O resultado era a troca e a circulação de conhecimentos. É por esse motivo que a memória histórica coletiva, na África, raramente se limita a um único território. Ao contrário, está ligada a linhas de família ou a grupos étnicos que migraram pelo continente (BÂ, 2010, p. 210).

Ainda sobre os aspectos do ofício, Sousa Neto (2005) continua explicando que o exercício de todo ofício supõe que o realizador domine os procedimentos que são característicos deste. À vista disso, quando Gideon manuseia a planta e utiliza de seu cuspe, ele está utilizando do domínio de um procedimento e que são característicos para que chegue a determinado fim, no caso, a cura dos olhos do menino. Talvez, a planta dada por Gideon a contragosto possa ser de fato a verdadeira, mas, sem a habilidade e a técnica específica não tem funcionalidade. Pois, o todo do processo só é efetivo se for observado cada detalhe. Uma vez que, “cada detalhe por diminuto que seja, cada gesto, ainda que automático, resulta de uma unidade em que os fragmentos só justificam sua existência por fazerem parte do todo” (SOUSA NETO, 2005, p. 250).

Souza Neto (2005) ainda afirma que a identidade dos indivíduos que operam esses objetos através de um ofício faz com que consigamos situá-los na sociedade e no momento histórico. No conto, se nota que Gideon sabe o seu lugar social no sistema colonialista, mas também no seu clã. Quando está subserviente e cozinheiro na fazenda, ele está no papel de oprimido, sem voz, mas ainda assim, cozinheiro. Mas quando pensa ou está com seu clã, ele está posição na de um dos chefes, o guardião do conhecimento e detentor dos saberes tradicionais.

Ainda no que se trata de tradição africana, Bâ (2010), elucida que os grandes depositadores da tradição oral são os “tradicionalistas”. São eles que mantêm a memória viva das tradições africanas. Nesse sentido, Gideon se encaixa como um “tradicionalista”, já que, conserva viva o que tinha aprendido com seus ancestrais. Bâ (2010), afirmará ainda que os conhecedores não eram especialistas em apenas uma área, mas em muitas, tratando-se de uma ciência prática, que o que autor qualifica de ciência da vida: “Guardião dos segredos da gênese cósmica e das ciências da vida, o tradicionalista, geralmente dotado de uma memória prodigiosa, normalmente também é o arquivista de fatos passados transmitidos pela tradição, ou de fatos contemporâneos” (BÂ, 2010, p. 188).

O autor ainda esclarece que os tradicionalistas foram muito perseguidos durante o período colonial na África, os povos europeus queriam eliminar qualquer tipo de tradição local a fim de estabelecerem suas próprias ideias. Neste cenário, o reconhecimento das diversas formas de opressão era o propósito do sistema colonial. Desse modo, Hall (2016, p. 173), explica que “para os negros, ‘primitivismo’ (cultura) e ‘negritude’ (natureza) tornaram-se intercambiáveis”. Sendo

caracterizados pelos europeus dentro dessas qualidades, os povos negros foram reduzidos à sua essência: “A preguiça, a fidelidade simples, o entretenimento tolo protagonizado por negros (*coonings*), a malandragem e a infantilidade pertenciam aos negros *como raça, como espécie*. Para o escravo de joelhos não havia mais nada, sua servidão” (HALL, 2016, p. 173). Diante dessas escolhas para caracterizar os povos negros, os brancos conseguiram consolidar ainda mais às suas ideias pelo continente africano, limitando ainda mais a participação dos tradicionalistas nas questões sociais do território.

No entanto, isso não quer dizer que os tradicionalistas tenham sido extintos, muitos deles ainda permaneceram resistentes ao sistema opressor. O personagem Gideon pode ser visto como uma representação dessa resistência. Uma vez que, mesmo que precisasse fazer parte das regras sociais da sociedade colonial, não negou o seu papel social para com sua comunidade local.

Outra perspectiva vista no conto se trata da omissão de Gideon quando perguntado onde se encontrava a planta milagrosa. Bâ (2010), mostra que os tradicionalistas abominavam a mentira, o que já fazia parte da ética africana: “A proibição atinge todos os que, tendo de exercer uma responsabilidade mágico-religiosa e de realizar os atos rituais, são, de algum modo, os intermediários entre os mortais comuns e as forças tutelares, no topo estão o oficiante sagrado do país, e, eventualmente, o rei” (BÂ, 2010, p. 189). Desse modo, a proibição da mentira se dá pelo fato de que acreditavam que se praticassem tal ato estariam corrompendo os rituais. Sendo assim, caso houvesse algum equívoco, o tradicionalista deveria relatar ao povo como uma forma de purificação, pois ele carrega o significado das palavras.

Percebe-se que Gideon não mente, mas omite a informação, o que é aceito perfeitamente pela comunidade que trabalhava na fazenda. No trecho a seguir pode ser vista a omissão do personagem: “Quando você vai me mostrar a raiz de cobra, Gideon? Gideon ria, sacudia a cabeça e dizia, um tanto desajeitado: – Mas eu já mostrei, senhora. Esqueceu?” (LESSING, 1978, p. 37). No próximo excerto se vê que os empregados também aceitaram a omissão do seu líder: “Os Farquars procuravam informações sobre a raiz entre os empregados. Por vezes recebiam de volta olhares desconfiados. Em outras ocasiões os nativos diziam: ‘Nós não sabemos. Nunca ouvimos falar de tal raiz’” (LESSING, 1978, p. 37). Assim, a omissão de Gideon foi de suma importância para que os segredos ancestrais do seu povo não fossem roubados pelos brancos colonizadores.

Aqui cabe outra perspectiva do conto, a forma como os brancos viam incapacidade do negro de produzir algo racional. Percebe-se que a família Farquars queriam o mérito pelo remédio milagroso, fazendo com que Gideon fosse irredutível ao revelar o segredo por trás do manuseio da planta. O que mostra que, a família estava imersa na visão colonialista e de superioridade branca. Nesse sentido, Achille Mbembe (2014), nos mostra que para o branco, o negro estaria impedido de produzir qualquer argumentação lógica, sendo esse o papel social do branco. Em sua crítica sobre o pensamento colonial, Mbembe problematiza a questão ao

afirmar que, para os brancos, “a raça negra, especificamente, nem teria vida, nem vontade, nem energia própria” (MBEMBE, 2014, p. 81). O delírio do branco em sobrepôr uma raça e ter privilégios, tanto no corpo, na imagem, na linguagem e na riqueza, colaboraram na construção da efetivação desse delírio, fazendo com que explorassem os povos que achavam subalternizados. A violência foi vital para que a superioridade branca se mantivesse por muito tempo.

Em consonância com o autor, Frantz Fanon (2008) argumenta que o olhar do colonizador para o colonizado não é lógico, mas totalitarista. Esse processo faz com que os povos subjugados não apenas percam o comando dos seus territórios, mas também que sejam destruídos em seus princípios e na moral de suas sociedades, animalizando-os. Essa animalização pelo corpo subjugado, principalmente do corpo negro, dar-se como um fetiche. Tudo isso é indicado pela fantasia do homem branco em dominar, que utilizou o discurso de que os africanos não tinham pensamento lógico, por isso eram animalizados e qualificados apenas como objetos sexuais, para exercer domínio sobre os povos: “Sim! A civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial” (FANON, 2008, p. 88).

Diante disso, é importante conceituar o termo raça proposto por Hall (2003), que esclarece que esta palavra, anteriormente pensada com uma categoria científica, não existe mais. No entanto, quando a autora estava imersa na escrita do conto, existia tal conceito. Nos tempos atuais, pensa-se raça dentro da categoria humana, que não tem a ver com diversos tipos de raças, mas com grupos e povos diversos culturalmente e socialmente. Hall explica ainda que a raça é uma construção política e social, que tem como sistema de exclusão o racismo, conforme pode ser percebido a seguir:

Raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza (HALL, 2003, p. 69).

Assim, para o autor, o racismo tem uma identidade própria e tenta justificar as diferenças culturais, mas também tinha a proposta de legitimar a exclusão biológica, tanto no que diz respeito aos fenótipos quanto aos conhecimentos. A percepção que o narrador tinha sobre o fato de Gideon não ceder seus ensinamentos pode ser vista nesse trecho:

Foi quando perceberam que Gideon não iria dobrar-se. A droga mágica iria permanecer onde se encontrava, desconhecida e inútil, a não ser pelo diminutivo punhado de africanos que a conheciam, nativos que poderiam estar escavando valas para a municipalidade com as camisas em farrapos e as calças remendadas, mas que tinham sido nascidos

para curar, curandeiros hereditários, sobrinhos ou filhos dos velhos bruxos, cujas horrorosas máscaras, pedaços de ossos e outros objetos toscos relacionados com a magia, eram sinais de poder e de sabedoria (LESSING, 1978, p. 35).

Mesmo considerando que apenas os nativos seriam capazes de conhecer com afinco os métodos para manusear as plantas, a visão colonialista fazia com que houvesse uma descaracterização da religião e dos seus conhecimentos, transformando-os em meros trabalhadores braçais.

No conto também é possível perceber que Gideon sabia qual era o seu lugar social dentro do sistema da fazenda onde servia. Mesmo ele amando a criança, sabia que quando crescesse compreenderia melhor sua posição social e haveria um distanciamento.

– Não vai demorar e você vai entrar para a escola, Cabecinha Amarela – disse Gideon com admiração – e então você estará crescido. Sacudiu a cabeça delicadamente. – E é assim que nossas vidas são. – Gideon parecia estar colocando distância entre ele próprio e Teddy, não por ressentimento, mas na maneira pela qual uma pessoa aceita algo inevitável (LESSING, 1978, p. 32).

Este distanciamento é visto no final do conto quando Teddy está grande e se habituou ao sistema colonialista. O próprio Gideon sabia que era inevitável que o distanciamento acontecesse, já que, se tratava de algo rotineiro na sociedade da Rodésia do Sul. A relação entre um branco e um negro só poderia ser de trabalho, conforme citação a seguir:

Depois de muitas risadas ele se poria ereto subitamente, enxugaria os velhos olhos e olharia com tristeza para Teddy, que, do outro lado da cozinha, sorria maquiavelicamente para ele. Aí diria: – Ah, Cabecinha Amarela, como você cresceu! Não vai se passar muito tempo e você já será bastante grande para ter uma fazenda própria... (LESSING, 1978, p. 37).

Nesse sentido, Hall (2006) afirma que a identidade dos indivíduos está em constante transformação. Essas transformações estão em seu meio social, fazendo com que tudo mude, a todo o tempo. São essas transformações que fazem com que o ser humano crie sua individualidade. No entanto, com a problemática de temas relevantes para a sociedade, tais como gênero, classe social e religião, os indivíduos começaram a se questionar, gerando uma crise de identidade.

Essa crise de identidade pode ser percebida tanto no personagem quanto na autora do conto. Através dela, eles analisam o seu *status* social dentro do contexto colonialista e subvertem o sistema. O próprio nome do conto, “Não há feitiçaria à venda”, já nos releva essa subversão. Gideon não revela aos cientistas a planta que salvou o menino, mantendo, assim, para a comunidade os saberes tradicionais. Do outro lado, temos Lessing, que, sendo uma voz engajada, utiliza-se das

suas experiências pessoais para mostrar a hipocrisia de uma comunidade branca no sul da África.

Lessing, no prefácio do livro *A terra do velho chefe*, onde se encontra o conto analisado, explica que, para compreender os povos africanos, é necessário primeiro se livrar da arrogância impregnada no homem branco, que, por vezes, destruiu a cultura desses povos: “Na verdade, para compreender, temos que nos desfazer da arrogância que é carga do homem branco, temos que parar de nos sentirmos superiores” (LESSING, 1973, p. 11).

Importante salientar que Lessing falava como uma mulher branca, pertencente a uma África excludente e que visava destruir a população negra, negando a eles saúde, educação, direitos e dignidade. No entanto, ela percebeu que não poderia mais participar das fissuras causadas pelo colonialismo e através da sua escrita mostrou temas como preconceito racial, misoginia e patriarcalismo. A visão da autora sobre a África vem de suas subjetividades, pois viveu na Rodésia do Sul até 1949.

A autora explica em sua autobiografia (1997), que os contos africanos são um retrato real do que viveu na Rodésia. No entanto, ela elucida que utilizou da autoficção para aproximar a realidade da ficção. Através da sua afirmação, podemos dizer que ela está presente subjetivamente em seus escritos. Por esse ângulo, Philippe Lejeune (2014), expõe que exista um pacto autobiográfico, onde mesmo que o autor não se identifique expressamente, o leitor encontra traços da sua subjetividade na obra, este é o pacto romanesco. Nesse sentido, as obras de Lessing estão carregadas de suas vivências e das relações interpessoais que a seguiram pela vida.

Lessing admite também a complexidade das culturas que as cidades dos nativos tinham e que seria impossível o homem branco compreender com afinco, já que entende a cultura africana como subalterna: “habitavam povos negros, vivendo em complexas sociedades que os brancos somente agora estão começando a estudar, quanto mais a compreender” (LESSING, 1973, p. 11). Lessing nos revela como é lamentável a perda das tradições orais pelos povos africanos: “Não sou capaz de escrever sobre o que se perdeu, o que era e é ainda hoje recordado oralmente” (LESSING, 1973, p. 11). Dirá que este é o lamento de todos os escritores brancos em África: não conseguir escrever mais profundamente sobre os nativos, já que não conseguiram despir-se da ignorância. No entanto, ela termina o prefácio afirmando que “A África dominada pelo homem branco não pode perdurar por muito tempo” (LESSING, 1973, p. 11).

Considerações finais

Durante a leitura do conto, pode-se perceber o valor dado às tradições pelos africanos, principalmente por Gideon, que prefere manter para si um saber carregado por uma oralidade que tem uma importância imensurável, perpassada pelos seus ancestrais e que se encontra viva em seu cotidiano. Essa oralidade que

é de suma importância para o convívio das comunidades tradicionais africanas, é, propositadamente, excluída, estigmatizada e até extinguida pelo colonizador para que o poder da cultura dominante se perpetue mantendo a ideia de branquitude, se sobrepondo às outras culturas. Isso está materializado nos diferentes discursos oficiais, do universo da política, da educação até os sermões religiosos. Brancos, na sua mais alta definição da cor.

Doris Lessing pode ter utilizado o título de forma irônica, já que, como branca vivendo em África, mostra o poder, a dominação, o preconceito, o racismo identitário dos brancos para com os negros. Salienta-se que o termo feitiçaria, nessa perspectiva, seria como a branquitude descreve as formas de curas praticadas pelos povos nativos. Outro sentido para se pensar o título refere-se à maneira diversa de se compreender a vida africana, já que pensamos feitiçaria de uma forma ocidentalizada, como algo ruim. Não menos, como aprendemos na escola, na igreja e na vida cotidiana em se tratando de vida e formação pautadas na cultura ocidental. Por esse ângulo, a relação que os africanos têm com a natureza, com a espiritualidade e com os saberes, diferem sobremaneira das formas de pensar, o conhecimento, pelo ocidente.

Sobre isto, Edward Wadie Said (2007) expõe que o orientalismo não fala apenas do pensamento erudito voltado aos temas culturais, mas também há uma divisão de consciência geopolítica, que tem uma série de interesses que preserva o pensamento sobre o oriente como está, fazendo com que em alguns casos, a manipulação, o controle sobre aquilo que é diferente seja manifestado:

[...] produzido e existe em um intercâmbio desigual com vários tipos de poder, moldado em certa medida pelo intercâmbio com o poder político (como uma ordem colonial ou imperial), com o poder intelectual (como as ciências reinantes da linguística comparada ou anatomia, ou qualquer urna das modernas ciências ligadas a decisão política), com o poder cultural (como as ortodoxias e cânones de gosto, textos e valores), com o poder moral (como as ideias sobre o que “nós” fazemos e o que “eles” não podem fazer ou entender como “nós” fazemos) (SAID, 2007, p. 24).

O autor esclarece que as ideias do orientalismo estão ligadas a Europa. A noção comunitária do que é ser europeu em relação aos outros povos, fazia com que a identificação de superioridade se definisse na Europa: “Desse modo, o orientalismo depende, para a sua estratégia, dessa superioridade posicional flexível, que põe o ocidental em toda uma série de relações possíveis com o Oriente, sem que ele perca jamais a vantagem relativa” (SAID, 2007, p. 19). Assim, o pensamento ancestral presente na cultura africana foi deixado de lado para sobrepor o pensamento do ocidente. O que estava ligado à terra, ao território e à natureza passa agora a ser considerado algo sem valor, como é o caso da tradição oral, trocado pela escrita e a manipulação das plantas medicinais.

Lessing, como uma voz engajada, exemplifica o processo destrutivo da colonização através do desprezo e silenciamento dos conhecimentos das práticas da medicina ancestral, por parte da população branca. E nos mostra outra série de fatores que provocam a subalternização do povo africano, sendo a descaracterização das suas múltiplas identidades a principal delas. No que tange a escrita engajada, Jean-Paul Sartre (1989), elucida que escrever pressupõe escolhas por parte do autor e são essas escolhas que mostram a sua individualidade. Por conseguinte, é importante que o autor tenha um propósito na escrita. O escritor engajado confia na transformação através da literatura e na possibilidade de mudança no mundo. Assim, o escritor quando escreve se sente essencial no mundo. É pensando sobre as mazelas do mundo colonial que Lessing conseguiu se engajar socialmente e mostrar o lado do preconceito racial e da patriarcalidade, fazendo com que outras pessoas pudessem observar a sociedade de outra forma.

Nesse sentido, a autora cumpre a sua função social quando nos apresenta o lugar social daqueles que foram subjugados por um sistema excludente e preconceituoso, que tinha como premissa tomar para si todo o conhecimento preservado pela ancestralidade africana. A dominação desses corpos tinha como fatores a destruição do pertencimento identitário e cultural. Lessing então corrompe o sistema, ao colocar Gideon em um lugar de não admitir entregar os conhecimentos médicos.

NO WITCHCRAFT FOR SALE: MEDICINAL KNOWLEDGE THROUGH ORAL TRADITION IN THE SHORT STORY BY DORIS LESSING

Abstract: *The objective of this paper is to analyze the short story “No witchcraft for sale”, from theories that ground discussions about African medicinal knowledge through oral tradition (BINJA, 2020; DOMINGOS 2015; NASCIMENTO 2008). The methodological assumption includes literature research, to understand aspects related to the identity of the individual (HALL, 2006) and Eurocentric issues rooted in African knowledge (HALL, 2003; Fanon, 2008; Mbembe, 2018). The research is also qualitative. The main character in the fiction is Gideon, a black man, a cook, who knows how to handle medicinal herbs to treat diseases. He cures the son of his bosses, who wants to know the name of the plant in order to deliver it to the scientists. However, Gideon keeps the knowledge of the plant to himself. Doris Lessing lived in Africa, with most of her works being set in it. The author talks about issues such as the subordination of white women in African society, the prejudice of whites against blacks, as well as African identity and customs. In this short story the author subverts the system by analyzing the colonialist context through African tradition. The domination of these bodies had as factors the destruction of the identity and cultural belonging of the community. Lessing then puts Gideon in a place of appropriation, not admitting the surrender of medical knowledge.*

Keywords: *Medicinal knowledge; Oral tradition; Doris Lessing; Africa.*

Referências

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

BINJA, Elias Justino Bartolomeu. Tradição oral em África: valores, movimento e resistência. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA: distopias dos extremos: sociologias necessárias, 3., 2020, São Cristóvão. **Anais** [...]. São Cristóvão: UFS, 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13866/2/TradicaoOralAfrica.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2023.

CARVALHO, José Jorge. O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna. *In*: CARVALHO, José Jorge. **O percebejo**. Rio de Janeiro: UNIRIO; PPGT, 2000.

DOMINGOS, Luís Tomás. A dimensão religiosa da medicina Africana tradicional. **Anais as SOTER**, 2015.

DUARTE, Zuleide. A tradição oral na África. **Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 15, p. 181-189, 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Trad. S. R. Netz. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução de: José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagem, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP e A editora, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de: Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tradução de: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

LESSING, Doris. **A terra do velho chefe**. Distribuidora Record de Serviços de Imprensa. Rio de Janeiro, 1973.

LESSING, Doris. **Por debaixo de minha pele**: primeiro volume da minha autobiografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. História da ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente. *In: Centro de Formação Educação Popular, Cultural e Direitos Humanos*. Centro Gaspar Garcia *et al.*, 2014.

MASCARENHAS, Érica Larusa Oliveira. **Produção científica africana e afrocentricidade**: beleza, saúde, cura e a natureza holística da ciência africana. 133 f. Dissertação – Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34894/3/Disserta%
c3%a7%c3%a3o_vers%c3%a3o%20final.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34894/3/Disserta%c3%a7%c3%a3o_vers%c3%a3o%20final.pdf). Acesso em: 26 jul. 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MIGNOLO, Walter **Histórias locais / projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: significado e intensões. *In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2008.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra**: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Niterói: Ed. UFF, 2007.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Editora Companhia das Letras, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** Tradução de: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática, 1989.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Cadernos Cedex**, v. 25, p. 249-259, 2005. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/ccedes/a/
Cwf9njhMD9TfxmCvnZFhvNy/?format=pdf&lang=pt](https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Cwf9njhMD9TfxmCvnZFhvNy/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 24 ago. 2023.

Recebido em 21 de outubro de 2023

Aceito em 07 de novembro de 2023